

PRODUÇÃO DE FLORES TROPICAIS NA ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO: UMA NOVA ALTERNATIVA DE DIVERSIFICAÇÃO APÓS A CRISE DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

*Reginaldo José Carlini Junior¹
Waldeck Lisboa Filho²*

RESUMO: Este artigo busca compreender a importância de se identificar alternativas de diversificação para a Zona da Mata do Estado de Pernambuco. A principal fonte econômica desta região é a agroindústria canavieira. No entanto, esta atividade vem perdendo dinamismo com o encerramento das atividades de um grande número de unidades produtoras de açúcar e álcool, agravando a situação de pobreza de milhares de pessoas que vivem nesta região. A pesquisa exploratória foi o método escolhido para a condução do artigo, sendo utilizado como fontes de coleta de dados o estudo de caso, a pesquisa bibliográfica e a documental. Diante do quadro atual da Zona da Mata, é importante a diversificação econômica paralelamente à cultura da cana-de-açúcar que mesmo em declínio ainda é a principal fonte geradora de emprego e renda da região da Mata. Um dos setores que vêm se expandindo nesta localidade é o de produção de flores tropicais. Atualmente, Pernambuco é o principal produtor destas espécies do Brasil. Os resultados obtidos demonstraram que por ter clima e solo favoráveis para o seu cultivo, esta atividade poderá ser uma alternativa de diversificação para a Zona da Mata do Estado.

Palavras-chave: Diversificação, Cana-de-açúcar, Flores tropicais

1 INTRODUÇÃO

A Zona da Mata de Pernambuco vem enfrentando sérios problemas sociais e econômicos. A maior parte de sua população vive em condições precárias, o que tem levado o Governo estadual a adotar medidas compensatórias. Através do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata (PROMATA), o Governo busca melhorar as

¹ Mestrando de Administração e Desenvolvimento Rural. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. E-mail: jrcarlini@aol.com

² Prof. Faculdade de Mercado Amplo – FAMA. E-mail: wrik@nlink.com.br

condições de vida da população desta região. Um dos objetivos deste programa é o de buscar alternativas de diversificação. A principal fonte econômica desta região é a agroindústria canavieira que, no entanto, vem passando por sérias dificuldades que se agravaram, principalmente, após a desregulamentação do setor.

A crise da agroindústria canavieira agravou a situação da população que vive na Zona da Mata de Pernambuco, ampliando os altos índices, já existentes, de problemas sócio-econômicos. Diante desta situação o Governo estadual juntamente com a iniciativa privada estão se mobilizando com o objetivo de mudar a situação de miséria existente nesta localidade. Estes agentes vêm buscando alternativas de diversificação econômica complementar a cultura da cana-de-açúcar, pois no período que corresponde aos meses de abril e agosto, período de entressafra, a miséria impera nesta região.

Diversas culturas estão sendo incorporadas na Zona da Mata de Pernambuco, visando a diversificação econômica. Observa-se o crescimento da fruticultura, com destaque para a banana, da pecuária, da avicultura, da mandioca, da aquíicultura etc... Uma atividade que vem sendo introduzida nesta área é a floricultura tropical.

Pernambuco vem ocupando uma posição de destaque no cenário nacional no que se refere à produção de flores tropicais, e atualmente é o maior produtor destas espécies no país. Esta posição de liderança deve-se, entre outros fatores, ao Projeto de Floricultura Tropical desenvolvido pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) nacional no ano de 2000 para os Estados de Pernambuco e Alagoas. Esses foram escolhidos por ter condições de clima e de solo favoráveis para o cultivo de flores tropicais. Logo depois, tal atividade econômica foi estendida para os Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, que implantaram esse projeto.

Assim sendo, foi desenvolvido um problema de pesquisa que assim se define:

Diante do declínio e da estagnação da agroindústria canavieira na Zona da Mata do Estado de Pernambuco, a produção de flores tropicais em tal localidade pode ser apontada, atualmente, como uma alternativa de diversificação econômica?

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este artigo tem como objeto de estudo o agronegócio das flores tropicais na Zona da Mata de Pernambuco. Esse estado vem se destacando, principalmente, pelas condições

edafoclimáticas favoráveis a esta atividade, e atualmente é o maior produtor do País. Pela capacidade de geração de emprego e renda, como também pela oportunidade de desenvolvimento da agricultura familiar, a produção de flores tropicais está sendo apontada por alguns como uma nova alternativa de diversificação econômica para a Zona da Mata de Pernambuco em paralelo a cultura canavieira.

A pesquisa exploratória foi o método escolhido para o direcionamento deste trabalho.

(...) Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (...) (GIL, 1991, p.45).

No que se refere à coleta de dados foram utilizados três procedimentos técnicos: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e o estudo de caso. “*A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos*” (Gil, 1991, p.48). É importante destacar que para este estudo não foram utilizados artigos científicos. Utilizou-se este procedimento técnico científico por ser ele indicado para definir os limites do problema definido.

Outras fontes de informação foram às análises dos documentos cedidos pelos órgãos que apóiam o desenvolvimento da floricultura no estado como o SEBRAE-PE e a Delegacia Regional do Ministério da Agricultura que foram visitados durante a pesquisa.

(...) A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (...) (GIL, 1991, p.51).

Nessas coletas buscaram-se informações relacionadas com a produção e a comercialização de flores tropicais na Zona da Mata de Pernambuco. Procurou-se, ainda, verificar quais fatores levaram o estado a ser referência nacional nesta atividade e quais os pontos que precisam ser corrigidos a ponto de garantir e solidificar a posição conquistada.

(...) O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante os outros delineamentos considerados (...) (GIL, 1991,

p.58). Neste procedimento técnico foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas realizadas com o presidente da Comissão de Floricultura de Pernambuco. Também, foram enviados, por e-mail, questionários para quatro presidentes de associações e para três produtores ambos de flores tropicais. Todos os produtores responderam o questionário enviado. No entanto, dos presidentes de associações, apenas, dois responderam. As respostas obtidas durante as entrevistas são apresentadas no item análise dos resultados. Estas foram alocadas em blocos, levando em consideração a similaridade entre ambas. Abaixo das respostas obtidas encontra-se um breve comentário desenvolvido pelos autores.

3 A AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA

3.1 ASPECTOS NACIONAIS

O cultivo da cana-de-açúcar no Brasil vem desde a época da colonização, sendo implantada, inicialmente, na região Nordeste. Quando os portugueses descobriram o Brasil chegaram a conclusão que o solo brasileiro era favorável ao plantio da cana. Além disso, havia uma grande escassez de área para o seu cultivo na Europa. O estado que recebeu o primeiro centro açucareiro do país foi Pernambuco, por ser na época a mais importante das capitânicas hereditárias.

Atualmente, o Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar do mundo com destaque para a região Centro/Sul, esta a maior produtora de cana-de-açúcar e derivados do país. O Estado de São Paulo, entre outros fatores, por ter condições favoráveis de clima e solo, centros de estudos e pesquisas, e por estar próximo aos principais centros consumidores, vem se destacando como o maior produtor de cana-de-açúcar e derivados do país. Porém, na agroindústria canavieira nacional encontram-se dois cenários bastante distintos. O primeiro localizado no Centro/Sul do país que por ter uma melhor condição física, econômica e tecnológica, o que representa uma maior produtividade, mantém-se como o principal centro canavieiro nacional. O segundo localizado na região Nordeste, e que durante anos manteve a liderança nacional, encontra-se, atualmente, em declínio e estagnação. A agroindústria canavieira, pela sua capacidade de geração de emprego e renda, é um dos principais segmentos do agronegócio nacional.

(...) Os efeitos que os mercados do açúcar e do álcool proporcionam para a economia brasileira podem ser representados pelos seguintes números: movimento de cerca de R\$ 12,7 bilhões por ano no mercado sucroalcooleiro, ou seja, 2,3% do PIB brasileiro; geração de R\$ 1,2 bilhões de impostos; e criação de aproximadamente 602.000 empregos diretos (...) (MORAES; SHIKIDA, 2002, p.17).

A história da agroindústria canavieira no Brasil é caracterizada por um grande período de intervenção estatal. As mudanças institucionais que ocorreram neste importante segmento do agronegócio nacional marcaram profundamente a sua história.

(...) Em junho de 1933, através do Decreto Nº 22.789 foi criado o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) cujos principais objetivos eram resolver o problema de superprodução da agroindústria açucareira, através do planejamento e controle anual da produção, adequando-a às necessidades de consumo interno e externo (...) (MORAES, 2000, p.46).

Em 1933 o Governo Federal a pedido dos próprios produtores que necessitavam de um órgão que regulamentasse o excesso de oferta e reorganizasse o setor, cria o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) com o objetivo de controlar as decisões de produção e comercialização. O IAA além de determinar cotas de produção às usinas, também comprava e vendia toda a produção de açúcar e álcool das mesmas e repassava os recursos oriundos das vendas às unidades produtoras.

(...) A principal atribuição do IAA, (que afetava diretamente o setor) era a determinação dos limites de produção de álcool e açúcar de cada usina, que seria determinado com base nos estoques de açúcar existentes no País e nas estimativas das safras a iniciar-se (...) (MORAES, 2000, p.47). A política vigente consistia na definição de cotas de produção, impostas pelo Ministério da Indústria e Comércio (MIC), que estabelecia que cada usina deveria preencher um plano de safra, constando de um histórico de produção com os critérios pré-estabelecidos como, por exemplo, a quantidade de cana plantada, o possível retorno em sacas de açúcar, além de todas as especificações sobre o produto. Após a análise do histórico, o MIC definia um percentual para exportação e para comercialização no mercado interno.

No final da década de 1980, a agroindústria canavieira no Brasil administrou um impacto decorrente de uma mudança política relacionada com a desregulamentação do setor. Este acontecimento contribuiu para o agravamento do quadro existente e para falência de várias usinas, principalmente as localizadas na região Nordeste.

A desregulamentação do setor foi caracterizada pela desativação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA). O fim do protecionismo estatal fez com que os conceitos de gestão das usinas fossem revistos.

(...) Após a desregulamentação, que se dá a partir do final da década de 1980, a pressão competitiva inter e intra setorial faz com que as usinas construam novos relacionamentos com seus clientes industriais (...) (ASSUMPÇÃO ALVES, 2001 p.3).

Após a extinção do IAA, as unidades produtoras tiveram que adotar novas estratégias, visando a sua inserção e permanência no ambiente de livre mercado. Após o período de regulamentação, tais organizações tiveram que: se adaptar ao mercado e aprender a vender a sua produção; procurar os seus clientes; fazer o seu próprio *marketing*; desenvolver estratégias de comercialização; inovar em suas cadeias de produção para agregar valor ao açúcar e álcool produzidos e desenvolver vantagens para manterem-se competitivas no mercado.

O período de regulamentação do setor foi responsável pela acomodação de várias usinas no que se refere à busca de inovações em suas cadeias produtivas. Algumas, acostumadas à época do IAA, ao verem-se diante deste novo cenário, sem barreiras de comercialização, prevalecendo a lei da oferta e da procura, não souberam responder a essas mudanças e, conseqüentemente, fecharam as suas portas.

3.2 ASPECTOS REGIONAIS

Desde a década de 1990, com o fim da política de fixação de cotas por unidades federativas, os produtores de açúcar e álcool estão em concorrência direta. A competitividade destes irá depender, principalmente, de sua inserção e de estratégias para permanecer no mercado. Para manterem-se competitivas e obterem êxito devem construir vantagens competitivas sólidas e desenvolver com eficácia as suas estratégias de comercialização. Esse desafio é ainda maior para as usinas do Nordeste que têm que competir com as usinas do Centro/Sul do país. *“É importante destacar que o setor sucroalcooleiro nordestino vem perdendo competitividade, em termos nacionais, com o setor localizado nas regiões Sul/Sudeste do país, principalmente com o estado de São Paulo”* (SICSÚ *et al.*, 2002, p.31). As usinas de São Paulo são, naturalmente, beneficiadas por ter topografia plana, o que

possibilita a utilização de mecanização na colheita. Além disso, estão próximas de grandes clientes industriais e não têm menores prejuízos nas safras pelo efeito da seca.

(...) O setor sucroalcooleiro do Nordeste, nos últimos anos, vem passando por um processo de grande crise. Isso se deveu, principalmente, devido às mudanças institucionais relacionadas com a desregulamentação do setor, com a extinção do Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA, o que levou a um agravamento das dificuldades econômicas já existentes (...) (SICSÚ *et al.*, 2002, p.30-31).

A desregulamentação do setor teve uma contribuição expressiva para o agravamento da crise canvieira na região Nordeste. No momento em que as agroindústrias canvieiras viram-se diante de um novo mercado, sem o protecionismo estatal, algumas não souberam adaptar-se às exigências da competitividade.

(...) Ora, particularmente no caso do Nordeste – com unidades produtivas menos eficientes que as do Centro-Sul do País – essas pressões encontram uma base já fragilizada, no que se refere à maior parte do setor (...) (BARROS; NAVAES, 1998, p.3).

A despreocupação em inovar em suas cadeias produtivas devido à garantia da venda de seus produtos fez com que muitas agroindústrias canvieiras não se ajustassem à nova realidade após o período de desregulamentação, o que agravou a crise do setor na região, trazendo inúmeras conseqüências.

(...) Com a acumulação crescente de dívidas vultosas a credores diversos como o Banco do Brasil, o Tesouro Nacional e Fazendas Estaduais, o INSS..., além de montantes elevados devidos a trabalhadores, nos últimos anos, tem havido um agravamento de dificuldades das empresas do setor. Com isso, um número significativo delas deixou de funcionar, ou está prestes a encerrar atividades (...) (SCSÚ, 2000, p.339).

As usinas localizadas nesta região, por serem menos competitivas do que a das regiões Centro/Sul, tiveram dificuldades em atuar em um ambiente de livre mercado sem a intervenção estatal o que levou a derrocada do setor. O protecionismo existente emperrou o avanço das unidades que não tinham a preocupação em buscar vantagens competitivas para diferenciarem-se no mercado.

A agroindústria canvieira no Nordeste é marcada pela estagnação e pelo declínio. A expansão do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL), na qual o Governo incentivou a produção de álcool contribuiu para o agravamento da crise na região, pois várias unidades produtoras expandiram a produção de cana-de-açúcar para áreas impróprias para o seu cultivo. Tais áreas com solos declivosos e baixa pluviosidade levou à redução da

produtividade e à perda de competitividade para as agroindústrias localizadas nas regiões Centro/Sul do Brasil. Outros fatores contribuíram para a queda do setor no Nordeste como, por exemplo, o conservadorismo de alguns produtores e a lentidão no que se refere à inovação tecnológica.

3.3 ASPECTOS ESTADUAIS

Mesmo em declínio e apresentando um quadro de estagnação, a atividade canavieira ainda é a principal fonte econômica da Zona da Mata de Pernambuco. Este estado, que já foi o maior produtor de cana-de-açúcar e derivados do país, vem perdendo todo o seu dinamismo e, atualmente, é o 4º maior produtor do Brasil, atrás dos estados de São Paulo, Paraná e Alagoas.

(...) A agroindústria sucro-alcooleira ainda é a atividade econômica mais importante do Estado de Pernambuco, apesar deste vir perdendo espaço frente a outros estados brasileiros – São Paulo e Alagoas –, como produtor de açúcar e álcool, e de vir essa indústria declinando em produção e em importância dentro do próprio Estado (...) (ANDRADE & ANDRADE, 2001, p.61).

(...) Atualmente, a produção de cana no Nordeste é mais intensa em dois estados. A atividade representa [...] 10% do PIB de Pernambuco (...) (MATAIS, 2003, p. 55). A Zona da Mata de Pernambuco nos meses de setembro a março, período em que as usinas iniciam a moagem da cana, tem a sua economia aquecida. No entanto, no período de entressafra a região da Mata de Pernambuco enfrenta sérias crises econômicas e sociais, apresentando um quadro de pobreza e miséria. A capacidade de geração de emprego na agroindústria canavieira do Estado de Pernambuco, mesmo apresentando um quadro de estagnação, é significativa. *(...) nenhuma cultura foi mais importante para Pernambuco do que a da cana-de-açúcar. Atualmente, estima-se que 100 mil pessoas dependem da cana no Estado (...)* (TORRES, 2003, p.74).

A crise da agroindústria canavieira em Pernambuco trouxe sérias consequências para a população da Zona da Mata. Vivendo em condições precárias, a população desta região sofre com graves problemas sociais como, por exemplo, altos índices de analfabetismo, desnutrição e desemprego.

A extinção do IAA contribuiu, fortemente, para o agravamento da situação da agroindústria canavieira em Pernambuco. “Das 48 unidades fabris de Pernambuco, 17 não

operaram na safra 96/97. As que operaram, em sua maioria, o fizeram em condições precárias” (BARROS, 1998, p.65). Além do problema citado anteriormente, os efeitos da seca, as dívidas com diversos credores e a falta de investimento em tecnologia da produção, também, contribuíram para a crise do setor.

(...) o Nordeste, e em especial Pernambuco, apresenta um relativo atraso tecnológico na produção de açúcar com relação ao Sudeste, e até com relação a outras áreas de produção no mundo. Enquanto a produtividade da indústria do açúcar na Austrália é de 11.3 t/ha, em São Paulo é de 10.3 t/ha, em Pernambuco essa produtividade é de 3.8 t/ha (...) (BARROS, 1998, p.61).

O custo de produção da cana-de-açúcar em Pernambuco está bem acima dos encontrados nas outras regiões do país. Tal fato deve-se, entre outros fatores, a questões topográficas e climáticas. A desvantagem tecnológica faz com que Pernambuco perca competitividade no cenário nacional e mundial. A citação acima deixa clara a diferença tecnológica entre Pernambuco e São Paulo. Esta se reflete, diretamente, na eficiência produtiva com uma diferença de 171,05% t/ha favorável ao Estado de São Paulo, o principal centro canavieiro do país.

Mesmo com um quadro adverso, a expectativa do setor canavieiro pernambucano no que se refere às exportações na safra atual é de crescimento. *“Em Pernambuco, a expectativa é exportar cerca de 650 mil toneladas de açúcar, num crescimento de 8,5% sobre a safra passada”* (GUARDA, 2003, p. 135).

No entanto, diante da situação geral do setor, é importante que se busquem alternativas econômicas para a Zona da Mata de Pernambuco que venham minimizar a situação precária vivida pela população da Zona da Mata.

(...) O Estado de Pernambuco, originalmente, tinha uma economia que girava em torno da cana-de-açúcar, especialmente na região da Zona da Mata. Com o passar do tempo e, principalmente, com a mudança na política de subsídios e abertura econômica, alternativas estão sendo buscadas em virtude da queda acentuada dessa atividade econômica (...) (SICSÚ, 2000, p. 385).

A plantação de cana-de-açúcar em áreas impróprias da Zona da Mata de Pernambuco deve ser repensada. O ideal é plantá-la em locais planos, podendo utilizar a mecanização na colheita. Esta atitude refletirá, significativamente, na elevação da produtividade. Nas áreas impróprias para o cultivo da cana-de-açúcar devem ser introduzidas novas culturas. A diversificação de atividades econômicas, agrícolas ou não, como também a reestruturação e

modernização da agroindústria canavieira na Zona da Mata são a esperança e/ou garantia de dias melhores para a população que vive nesta região mergulhada em incertezas e decepções.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO

A Zona da Mata de Pernambuco, tradicional produtora de cana-de-açúcar e derivados, é a área mais populosa do estado. Esta região que vive em função da agroindústria canavieira, pelo seu volume de produção e pelo capital que movimentado, apresenta um quadro de déficit econômico e social devido, principalmente, a crise do setor.

(...) Na Zona da Mata/Domínio Canavieiro, vivem atualmente cerca de 2.537,3 mil pessoas, representando, aproximadamente, 35,6% da população pernambucana, com uma densidade demográfica de 211,77 hab./km², superior à média de Pernambuco, de 72,32 hab./km² (...) (SICSÚ, 2000, p.112).

A Zona da Mata pernambucana compreende duas microrregiões geográficas – As Zonas da Mata Norte e Sul. Na Zona da Mata Norte, também conhecida como mata seca, encontram-se vastas áreas planas propícias para a cultura da cana-de-açúcar. No entanto, nesta localidade a pluviosidade é insatisfatória para o seu cultivo. Por outro lado, na Zona da Mata Sul conhecida como Zona da Mata úmida, apesar de ter uma boa pluviosidade e solos férteis favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar, tem esta cultura dificultada pelo fato de nesta localidade o relevo ser bastante acidentado o que dificulta a utilização de colheita mecanizada. “A mesorregião da Mata Pernambucana compreende trinta e oito municípios, sendo dezessete na microrregião da Mata Norte Pernambucana, e vinte e um na microrregião da Mata Sul Pernambucana (...)” (ANDRADE & ANDRADE, 2001, p.15). As Zonas da Mata Norte e Sul não são totalmente aptas ao cultivo da cana-de-açúcar, já que na primeira microrregião o principal impedimento é a questão da pluviosidade, enquanto que na segunda os solos declivosos dificultam o processo produtivo.

Um dos principais problemas da região da Mata pernambucana é o crescente desemprego. Nos meses de setembro a março, período de colheita e moagem da cana, o índice de desemprego diminui, porém na entressafra devido à baixa oferta de emprego, uma grande parte dos trabalhadores são dispensados, havendo um crescimento do êxodo rural já que são bastante reduzidas as ofertas de emprego nesta região durante este período.

5 O MERCADO DE FLORES

5.1 ASPECTOS NACIONAIS

O setor de floricultura no Brasil vem se expandindo e se destacando como uma nova alternativa de geração de emprego e renda no agronegócio nacional. O Brasil por possuir características como, por exemplo, clima e solo apropriados que favorecem a produção de flores temperadas e tropicais vem aumentando a sua área cultivada estimada, atualmente, em 5.200. Das 200 espécies de flores mais cultivadas no Brasil, cerca de 166 são consideradas tropicais. (SEBRAE-PE, 2003).

Novas políticas governamentais vêm estimulando o crescimento da floricultura no Brasil. Estas visam incrementar e otimizar o desenvolvimento de toda cadeia produtiva de flores no país. Para maximizar a sua produção e reestruturar o setor, foi criado o Programa de Desenvolvimento Sustentado da Floricultura (PROFLORES).

(...) A floricultura brasileira, que responde por um mercado de US\$ 2 bilhões – incluindo o varejo, está sendo fortalecida com o Programa de Desenvolvimento Sustentado da Floricultura (Proflores), lançado em junho de 2001 pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (...) (SEBRAE-PE, 2002, p.61).

Este programa tem como objetivo fortalecer o setor de floricultura no Brasil. Uma das preocupações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento ao criar esse programa, foi o de afastar os principais problemas no que se refere à produção e à comercialização de flores que foram identificados pelos produtores espalhados pelo país. Para isso, uma das propostas do programa é o de firmar parcerias com os diversos agentes da cadeia produtiva para otimizar a produção e a comercialização do produto. *“A meta do programa é incrementar a exportação das flores brasileiras, com destaque para as tropicais, além de atingir, até 2004, um volume de exportações de US\$ 80 milhões”* (SEBRAE-PE, 2002, p.61).

A perspectiva de manter o crescimento do setor é sustentada, entre outros fatores, pelo aumento das exportações. *“As exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais, concretizadas entre os meses de janeiro e maio de 2003, somaram US\$ 6,9 milhões, acumulando resultado 21,02% superior ao verificado no mesmo período do ano passado”* (EXPORTAÇÕES crescem, 2003, p.8).

É importante destacar que no segmento de flores e plantas ornamentais, as flores e botões frescos foram o segundo item da pauta de exportações, com vendas de US\$ 679,2 mil, no período. As rosas produzidas nos Estados de São Paulo e Minas Gerais foram destaques. Estas foram enviadas para os Estados Unidos (80,3% do total), Holanda (10,8%), Portugal (6,7%) e Uruguai (2,1%) (EXPORTAÇÕES crescem, 2003).

Atualmente, a floricultura brasileira movimentada em torno de US\$ 2 bilhões. Historicamente, o balanço de importação e exportação brasileiras de flores de corte e plantas ornamentais foi superavitário (SEBRAE-PE, 2003). Os principais estados produtores de flores no Brasil são: São Paulo; Rio Grande do Sul; Paraná; Santa Catarina; Minas Gerais; Rio de Janeiro; Pernambuco; Ceará e Alagoas. O estado de São Paulo é o principal produtor de flores do país, com cerca de 70% do total negociado.

5.2 ASPECTOS ESTADUAIS

Pernambuco tem tradição no cultivo de flores. Essa atividade teve início na região Agreste há mais de 30 anos. Nessa época, a produção de flores tradicionais, conhecidas como temperadas, despertava o interesse de diversos produtores pela potencialidade do mercado e pelas condições climáticas favoráveis da região.

(...) O Estado de Pernambuco, pelas suas condições edafoclimáticas, tem o privilégio de poder abrigar tanto as flores de clima tropical quanto as de clima temperado. O calor e umidade do litoral e zona da mata viabiliza o cultivo das flores tropicais; O micro-clima frio e altitude existentes nas regiões serranas do agreste propiciam o desenvolvimento das flores de clima temperado (...) (TEIXEIRA & ZARZAR, 2002, p. 98).

Em 1998 a Secretaria de Agricultura do Estado de Pernambuco criou o Comitê Pernambucano de Floricultura e Plantas Ornamentais, reunindo importantes agentes da cadeia produtiva da floricultura no estado, visando otimizar o setor. Em seguida, a Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco (FAEPE) ao identificar a potencialidade de crescimento do setor e a sua importância econômica e social instituiu a Comissão Pernambucana de Floricultura que congrega, apenas, produtores de flores tropicais e temperadas. *“Atualmente o Estado reúne aproximadamente 197 floricultores, numa área plantada de 188 hectares, movimentando recursos de aproximadamente R\$ 36 milhões/ano,*

nos seus primeiros passos, e gerando em média 800 empregos diretos” (SEBRAE-PE, 2003, p. 65).

No que se refere às flores temperadas, Pernambuco é o maior distribuidor para os Estados do Nordeste (SEBRAE-PE, 2002). A maior parte dos produtores de flores temperadas encontra-se localizados na região Agreste com destaque para os Municípios de Gravatá e Garanhuns. Outros municípios produtores, também, localizados nesta região são: Barra de Guabiraba; Bonito e Camocim de São Felix. Os Municípios de Petrolina e Chã Grande, também são produtores destas espécies, estão localizados, respectivamente, na região do São Francisco e na Zona da Mata.

A produção de flores temperadas teve início na década de 60, na cidade serrana de Garanhuns. Logo em seguida com a formação do mercado consumidor em Recife e aumento do número de produtores, a produção se deslocou para Gravatá e Caruaru onde se desenvolveu mais rapidamente (TEIXEIRA & ZARZAR, 2002).

No que se refere à produção de flores tropicais, os principais produtores encontram-se localizados na Zona da Mata e na região Metropolitana de Recife. Na Zona da Mata os municípios que vêm se destacando na produção de flores tropicais são: Água Preta, Paudalho, Primavera e Ribeirão. Na região metropolitana destacam-se os Municípios de Camaragibe, Igarassu, Jaboatão dos Guararapes e Paulista. Vale ressaltar que o Município de Petrolina, localizado na região do São Francisco, e o de Barra de Guabiraba, localizado na região Agreste, também estão produzindo estas espécies, porém de uma maneira incipiente.

5.3 FLORES TROPICAIS EM PERNAMBUCO

Pernambuco vem se consolidando como o maior produtor de flores tropicais do país. *“Apesar das dificuldades, a produção das flores tropicais vem crescendo 20% ao ano (...)”* (ANDRADE, 2003, p.9). Cerca de 90% das flores tropicais produzidas em Pernambuco abastece o mercado nacional e o restante destina-se aos compradores internacionais principalmente para o mercado europeu com destaque para Portugal, Inglaterra e Holanda. *“Atualmente, há 115 hectares com cultivo dessas espécies, de propriedade de 71 produtores. São cultivados 25 mil hastes semanais, sendo cinco mil consumidas em Pernambuco”* (ANDRADE, 2003, p.8). Boas condições de solo e clima garantem a Pernambuco a liderança da produção de flores tropicais no país.

(...) Nos últimos sete anos o crescimento da floricultura tropical em Pernambuco alcançou um incremento de 1200% na área plantada, passando de cinco para 60 hectares. Quanto ao número de produtores, passou de 09 para 36, o que é bastante expressivo na produção de flores (...) (SEBRAE-PE, 2003, p. 68).

A principal oportunidade para o setor é a comercialização de flores tropicais para os mercados nacional e internacional, pelo fato de o Sul e Sudeste do país não terem condições de clima para produzi-la como em Pernambuco.

(...) As primeiras tentativas de considerar o cultivo em caráter comercial de flores tropicais na Zona da Mata surgiram há dez anos, de forma incipiente e experimental. Ao longo desse período o agronegócio da floricultura foi se consolidando com o ingresso de novos empresários e de um significativo aumento da área plantada. O objetivo principal é atender à elevada demanda de Estados das regiões Sul e Sudeste, e competir com outros países na exportação para os grandes centros consumidores internacionais (...) (SEBRAE-PE, 2003, p. 73).

Existe um mercado internacional, principalmente o europeu, grandioso nas quais participam alguns países da América Latina como, por exemplo, Costa Rica, maior produtor mundial, Colômbia, Equador e Venezuela e alguns países africanos como, por exemplo, Camarões e Zimbábue. O mercado americano é amplo, mas existe protecionismo. Os maiores fornecedores de flores tropicais para esse país são a Costa Rica e a Colômbia. No entanto, existe um grande incentivo do governo americano para que se produzam flores nesses países em combate ao narcotráfico.

Atualmente, existem em Pernambuco cinco Associações de flores tropicais:

- RECIFLORA: Associação dos Produtores de Flores Tropicais de Pernambuco;
- FLOREXPORT: Associação dos Exportadores de Flores de Petrolina;
- AMA: Associação dos Produtores de Flores e Plantas Tropicais da Mata Atlântica de Pernambuco;
- CABO FLORA: Associação dos Produtores de Flores e Plantas Tropicais do Cabo de Santo Agostinho;
- AFLORA: Associação dos Produtores de Flores e Folhagens Tropicais do Alecrim.

Além disso existe uma Cooperativa dos Produtores de Flores e Plantas Tropicais de Pernambuco – FLORESPE.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

1º Quais fatores levaram Pernambuco a ocupar uma posição de liderança no cenário nacional no que diz respeito à produção e à comercialização de flores tropicais?

- perfeitas condições edafoclimáticas da região;
- o conhecimento adquirido por ser o primeiro estado do país a se destacar na produção destas espécies.

2º A produção e a comercialização de flores tropicais é uma nova alternativa econômica para a Zona da Mata de Pernambuco? Porque?

Todos os entrevistados responderam que sim. Os mesmos apontaram os seguintes fatores para tal afirmação:

- por ser uma alternativa complementar à cultura canavieira;
- pela possibilidade de geração de empregos direto e indireto;
- por trazer divisas para o estado.

3º Quais são os pontos fortes da floricultura tropical no estado?

- condições edafoclimáticas ideais;
- variedades competitivas em qualidade e durabilidade;
- preços competitivos no mercado internacional;
- estrutura aeroportuária, facilitando o escoamento;
- apoio recebido da APEX (Agência de Promoção às Exportações) e do IBRAFLOR (Instituto Brasileiro de Floricultura) para inserção no mercado internacional; e o apoio dado pelo SEBRAE ao segmento de floricultura tropical no estado.

4º Quais os pontos fracos (problemas) enfrentados pelo setor de flores tropicais no estado?

- a falta de comprometimento do Governo estadual com o crescimento do setor;
- a deficiente capacidade empresarial de alguns produtores;
- pouca informação disponível sobre a cadeia produtiva;
- baixo incentivo fiscal;
- baixo nível de pesquisas.

5° O que pode ameaçar a posição de Pernambuco, atualmente o maior produtor de flores tropicais do país?

- a falta de organização da produção e da comercialização constitui um ponto de estrangulamento que pode inviabilizar a proposta de tornar o estado um referencial nacional sobre a floricultura tropical;
- a ausência do Governo estadual nas ações que possam alavancar o setor. Pernambuco pode perder a posição de maior produtor de flores tropicais do país para outros Estados do Nordeste caso o Governo não perceba o potencial do setor.

6° Quais são as necessidades emergenciais para o setor no estado?

- desenvolvimento de um planejamento de produção em resposta à demanda, nacional e internacional existente;
- capacitação tecnológica e gerencial;
- incentivar as exportações;
- implantação de um programa de qualidade;
- maior apoio do Governo estadual;
- aumento da produção;
- profissionalização do setor.

7° Quais os obstáculos a serem superados?

- inexistência de uma cultura associativista;
- suporte tecnológico para o desenvolvimento de pesquisas;
- incentivo governamental para exportações.

As respostas obtidas demonstram a visão que os agentes da cadeia produtiva das flores tropicais, produtores e presidentes de associações, possuem no que se refere à situação atual da atividade no Estado de Pernambuco, como também a perspectiva de seu crescimento. De acordo com o que foi coletado, a comercialização e a produção de flores tropicais se bem praticada poderá trazer retornos significativos aos empresários que se dedicam a este agronegócio, além de garantir emprego e renda no meio rural. Além disso, pode ser praticada por pequenos produtores, desde que estejam reunidos em alguma forma de parceria. Esta falta de parceria foram apontados por quase todos os entrevistados como sendo um obstáculo a ser superado para assim ajudar Pernambuco a se manter na posição de liderança ocupada atualmente.

As favoráveis condições edafoclimáticas da Zona da Mata foram apontadas como um dos principais fatores que levaram Pernambuco a ocupar uma posição de liderança no cenário nacional no que se refere à produção e à comercialização de flores tropicais. É importante destacar que o período de luminosidade durante o ano em determinadas áreas é excepcional para o desenvolvimento de diversas variedades. Quando perguntado se esta atividade é uma alternativa de diversificação econômica para a região estudada, todos afirmaram que sim pelo fato de sua capacidade de geração de emprego e renda. A estrutura aeroportuária foi apontada como uma vantagem competitiva para Pernambuco. A localização do estado pela proximidade com o mercado americano e europeu facilita o escoamento do produto. Vale ressaltar que a localização geográfica de Pernambuco no que refere ao grande mercado consumidor, a Europa, é privilegiada. Pernambuco se encontra a cerca de 7:30 minutos do aeroporto de entrada do continente europeu com vôos diários.

As favoráveis condições edafoclimáticas voltaram a tona quando perguntado quais os pontos fortes da floricultura tropical no Estado de Pernambuco. A atuação do SEBRAE-PE, do IBRAFLOR e da APEX, também foi ressaltada como relevantes.

Quando perguntados sobre os pontos fracos do setor, exceto um entrevistado não apontou a ausência do Governo estadual, ou seja, todos os entrevistados questionaram a sua falta de comprometimento com o setor. Esta mesma resposta, também, veio à tona quando perguntado o que pode ameaçar a posição de liderança de Pernambuco e quais as necessidades emergenciais para o setor.

É importante que haja uma maior integração entre os produtores e o Governo estadual. Este deve desenvolver ações que venham solidificar a posição de liderança ocupada por Pernambuco. Caso contrário dificilmente o estado se manterá como referência nacional nesta atividade. A produção de flores tropicais é uma oportunidade de geração de emprego e renda no meio rural por desenvolver oportunidades na agricultura familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram várias as conseqüências da desregulamentação do setor sucroalcooleiro para o Estado de Pernambuco. A Zona da Mata de Pernambuco foi a região mais afetada por essa mutação no ambiente institucional ocorrida no final da década de 1980. Por ser a principal

fonte econômica da região da Mata o declínio do setor canavieiro agravou a sua situação que já era precária.

A importância de buscar-se alternativas de diversificação econômica que venham otimizar a qualidade de vida da população que vive nesta localidade é emergencial. O Governo do Estado de Pernambuco através do PROMATA vem tentando melhorar a qualidade da vida da população da Zona da Mata e apoiando alternativas de diversificação econômica que garanta uma maior sustentabilidade à região. É importante destacar que a agroindústria canavieira é extremamente importante para a Zona da Mata de Pernambuco por sua potencialidade de geração de emprego e renda. Vale ressaltar que a busca por tais alternativas não tem o objetivo de erradicá-la. No entanto, é imprescindível a produção desta cultura em áreas mais apropriadas com condições climáticas e topográficas ideais, visando à maximização da competitividade do setor. As áreas impróprias para o seu cultivo poderiam ser exploradas por outras atividades econômicas.

Pernambuco por ter, principalmente, condições de clima e solo favoráveis para a produção de flores tropicais, vem se destacando no cenário nacional como o seu maior produtor. No entanto, não se pode afirmar que, atualmente, esta atividade é uma alternativa de diversificação para a Zona da Mata de Pernambuco diante da crise da agroindústria canavieira. A produção de flores tropicais não está concentrada, apenas, na Zona da Mata. A Região Metropolitana de Recife, com destaque para os Municípios de Igarassú, Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes e Paulista, vem produzindo tais espécies com volume praticamente igual ao produzido na região da Mata. Além disso, a produção de flores tropicais na Zona da Mata não está sendo introduzida em terras onde décadas foi cultivada a cana-de-açúcar e sim em pequenas propriedades rurais. No que se refere à geração de empregos, não se pode comparar à capacidade da agroindústria canavieira com a floricultura tropical. Esta última com propriedades de no máximo 7 hectares gera aproximadamente 167 empregos diretos e 268 indiretos. Por outro lado, agroindústria canavieira em Pernambuco gera aproximadamente na época da safra cerca de 100 mil empregos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. C. O.; ANDRADE, S. M. C. **A cana de açúcar na Região da Mata pernambucana** – Reestruturação produtiva da área canavieira de Pernambuco nas décadas de 80 e 90: Impacto ambiental, sócio-econômico e político. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001.

ANDRADE, I. SEBRAE e FAEPE divulgam flores pernambucanas. **Jornal do comércio**. Recife, 12 Out. 2003. Caderno de Economia p.9.

ASSUMPÇÃO ALVES, M. R. P. **A liga do Açúcar – integração da cadeia produtiva do açúcar à rede de suprimentos da indústria alimentícia**. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – USP. São Paulo, 2001. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

BARROS, H. (Org). **Agricultura de Pernambuco: uma visão de futuro**. Recife: Secretaria de Agricultura/Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1998.

BARROS, H.; NAVAES, A. M. (Org). **Novas perspectivas sobre a produção social na agricultura do Nordeste**. Recife: UFRPE/APISA, 1999.

EXPORTAÇÕES crescem. **Circuito Agrícola**. São Paulo, ano XI, n. 74, p. 8, Ago./Set. 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUARDA, A. Exportação de açúcar bate novo recorde: produtores alagoanos esperam atingir a marca de 2,1 milhões de toneladas embarcadas. **Gazeta mercantil**. São Paulo, 29 Jan. 2003. Caderno Nordeste p.4.

MATAIS, A. Sertão receberá R\$ 150 mi para cana: lançamento do pólo canavieiro na região vai gerar 150 mil empregos diretos. **Folha de Pernambuco**. Recife, 27 Maio de 2003. Caderno de Economia p.4.

MORAES, M. A. F. D.; SHIKIDA, P. F. A. **Agroindústria Canavieira no Brasil: evolução, desenvolvimento e desafios**. São Paulo: Atlas, 2002.

MORAES, M. A. F. D.; SHIKIDA, P. F. A. **Agroindústria Canavieira no Brasil: evolução, desenvolvimento e desafios**. São Paulo: Atlas, 2002.

SEBRAE-PE. **Projeto Setorial Integrado de Promoção das Exportações de Flores e Folhagens de Corte de Pernambuco** – PSI. Recife, 2003.

_____. **Floricultura em Pernambuco**. Recife, 2002. (Série agronegócio).

SICSÚ, A. B. **Inovação e região**. Recife: Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, 2000.

SICSÚ, A. B.; *et al.* **Mata Sul de Pernambuco**: crises e perspectivas. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

TEIXEIRA, M. C.; ZARZAR, L. O mercado de ornamentais em Pernambuco. In: AKI, A. (Org). **Bússola da comercialização para produtores de ornamentais**. São Paulo: Heliza editora, 2002.

TORRES, D. Importância do setor no Estado é reconhecida. **Folha de Pernambuco**. Recife, 22 Ago. 2003. Caderno de Economia p.4.